

Imitações de moedas portuguesas em Batenburgo

Desde o primeiro quartel do seculo XVI até 1641 a Baronia de Batenburgo teve seis soberanos independentes, que mandaram cunhar moeda no seu minuscuro feudo, situado ao sudoeste de Nimègue, no país de Gueldre.

Guilherme de Broukorst, oriundo da familia nobre de Stein, 4.º senhor feudal de 1556 a 1573, deu ao fabrico do numerario mais largo desenvolvimento que os seus antecessores, e imitou moedas de diversos países, aquellas que gozavam de maior credito e acceitação.

Foi longa a serie de abusos d'esta ordem, cujos effeitos actuavam principalmente nas provincias dos Países-Baixos. Nos typos imitados introduziu modificações de importancia secundaria com relação aos modelos, e disfarçou habilmente as legendas por meio de abreviaturas, que eram de interpretação difficil para a ignorancia popular da epoca. As moedas, com estas mascaras afiveladas nas faces, concorreram para equilibrar as finanças do país e resarcir as deficiencias que o desvairemento da ostentação fidalga deixava no bolso particular do principe. Por certo que outros motivos não poderam forçá-lo a tão estranho expediente. A operação era necessariamente mais lucrativa que propria para facilitar transacções do commercio internacional.

Os cruzados de D. João III de Portugal, com a cruz de S. Jorge, e os denominados *do monte Calvario*, cujas ligas eram de 22 ⁵/₈ quilates largos para os primeiros e de um pouco menos para os segundos, por lei de 26 de Novembro de 1538, tambem serviram de modelos nas officinas dos gravadores batenburgueses.

Os Srs. Arthur Engel e Raymond Serrure alludem a estas imitações na obra magistral que publicaram em Paris, em 1897¹, quando se referem ás moedas dos soberanos de Batenburgo, porém não mostram as respectivas gravuras.

Hoje, provavelmente, estas moedas não existem, apesar de haver entre a sua epoca e a actualidade a distancia apenas de quatro seculos escassos; a omissão, porém, não prejudica a affirmativa d'aquelles eruditos numismatas, que a baseariam em documentos coevos das imitações, como é de crer.

Desde que tivemos noticia d'este facto, que se relaciona com a historia da numismatica portuguesa, procurámos conhecê-lo de modo pra-

¹ *Traité de numismatique moderne et contemporaine*, pags. 242 e 243.

tico, e em boa hora conseguimos realizar o intento, examinando um documento publicado oficialmente no século XVII.

Na secção de livros reservados na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob a marca D-74, existe um exemplar da *Ordonnance et instruction pour les changevrs*, de março de 1633, edição feita em Antuérpia na officina de H. Verdussen. Este livro, certamente muito raro, senão unico em Portugal, contém 1:685 gravuras de moedas, sendo 886 de ouro e 799 de prata, que naquella epoca eram accites em cambio nos dominios belgas de Filipe IV de Hespanha. Era o compendio de habilitação para o mister de cambista, e freio legal contra desmandos de agiotagem.

Ali se patenteia o variado numerario de todos os soberanos da Europa, e não ha uma repetição de gravura nem qualquer equivoco de importancia. Os homens de negocio, essencialmente praticos, não se preocupavam com a copiosa variedade de symbolos gravados nas moedas de bom ouro, que por si proprias se impunham no commercio. Uma força poderosa, o cambio, nivelava até a calmaria as ondulações d'aquelle mar amarello.

Na *Ordonnance* de 1633 ha reproducções, muito correctas, de espadins de ouro, de portuguezes manoelinos e de D. João III, de cruzados, de moedas de S. Vicente, de meias espheras de D. Manoel, de santhomés com a legenda INDIA ∴ TIBI · CESSIT e de varios padrões dos Filipes.

Contra a nossa expectativa, tambem ali figura a moeda subsidiaria de prata portuguesa, representada pelos reaes de LXXX e de XXXX, com legendas de D. João III.

Com a exportação de ouro amoedado os negociantes portuguezes honravam os seus compromissos lá fóra, na falta de outros meios faceis, hoje usados, como *cheques*, cartas de credito, etc. Este processo inconveniente, que no tempo da dominação filipina se desenvolveu muito, já era antigo. Nas côrtes de Torres Novas, em 1425, o povo representou a el-rei contra a passagem do ouro para alem das fronteiras do pais, e iguaes queixas houve nas côrtes de Evora em 1535.

As imitações de cruzados de Portugal constam das figs. 1.^a e 2.^a, fielmente copiadas da *Ordonnance*:

Fig. 1.^aFig. 2.^a

Fig. 1.^a—✠ GVIE · D · BR · L · B · D · BA · Z · ST. Esta legenda monetaria, que era impropria para ser decifrada pelo vulgo, rebelde á brachygraphia, significa: GVILLELMVS · DOMINVS · BRONKORST · LIBER · BARO · DE · BATENBVRG · ET · STEIN.

No final da primeira abreviatura ha E por L, o que póde attribuir-se a erro ou a ignorancia do abridor. A abreviatura Z é equivalente á conjuncção latina ET. No campo o escudo de armas, coroado. Sete grupos de dois losangos quadrados, unidos nas extremidades, figuram de igual numero de castellos que tem o escudo de armas de Portugal. No centro ha cinco escudetes em cruz: o central tem uma aspa cantonada de pontos; no superior ha quatro pontos em quadrado e no inferior sómente uma aspa; nos dois lateraes ha leões que se defrontam. O leão de prata, coroado de ouro, era divisa no escudo heraldico da casa de Bronkorst.

✠—✠ IN · HOC · SIGNO · VINCS (por VINCES). Cruz de S. Jorge, grossa, entre dois circulos.

Fig. 2.^a—✠ GVIL · D · BR · L · B · D · BA · Z · ST. Escudo de armas igual ao do exemplar anterior. No escudete central ha os traços que em heraldica indicam o esmalte vermelho, ligeiramente obliquos para a esquerda. Os escudetes superior e inferior mostram aspas cantonadas de pontos, e os lateraes conteem os leões.

✠—✠ IN · HOC · SI—GNO · VINCS. Cruz alta, cravada entre cunhas no calvario.

Estas copias, a que se não póde chamar positivamente falsas, são de tal modo semelhantes ás moedas que serviram de protótypo que a confusão se estabeleceria á primeira vista para quem não tivesse o habito de discriminar umas das outras. Para confronto, vão aqui representados os cruzados portugueses nas figs. 3.^a e 4.^a

Fig. 3.^aFig. 4.^a

A fig. 3.^a foi decalcada no magnifico exemplar, não cerceado, que existe na collecção do Sr. Robert A. Shore. As moedas d'este typo são muito raras.

A fig. 4.^a proveio do exemplar da collecção do Dr. José Antonio de Azevedo Borralho.

Os cruzados com a cruz do Calvario ainda apparecem no mercado de Lisboa e por isto não faltam nos medalheiros de particulares. No catalogo das moedas mais notaveis da collecção da Universidade de Leide¹, sob os n.^{os} 79 e 80, são mencionados 32 exemplares, todos differentes. Distingue-se notavelmente um, que tem a marca R—L no anverso. Por ser desconhecido em Portugal, vae aqui representado na fig. 5.^a



Fig. 5.^a

Este desenho é copia do n.^o 10 na estampa II do mesmo catalogo. As moedas imitadas em Batenburgo podiam ser recolhidas em qualquer medalheiro português, posta de parte a origem estrangeira. A estima nacionalizaria estes monumentos metallicos de serio valor historico e de interesse para o estudo comparativo.

Houve moedas portuguezas cujos typos foram copiados de outras estrangeiras. O dinheiro de bolhão, marca C—O, cunhado no tempo de D. Affonso Henriques, é semelhante ao obulo de Affonso I, rei de Aragão, cognominado *El Batallador*, 1104—1134. A dobra pé-terra de D. Fernando foi inspirada pela belleza artistica e feliz criação da *dobla* de ouro de Carlos II, *El Malo*, rei de Navarra, 1349—1387. A barbuda do mesmo rei é semelhante ao dinheiro de prata baixa de Wenceslau I, Duque de Luxembourg, 1352—1383. As amplas coroas do escudo de ouro e do real grosso de prata de D. Affonso V são caracteristicas nos padrões monetarios de alguns reis de Castella.

Estas imitações seriam obras de moedeiros castelhanos, e até mesmo flamengos, que por contratos especiaes exercessem o seu mister em Portugal. Esta hypothese é admissivel, por quanto o moedeiro mais antigo de quem Teixeira de Aragão dá noticia no primeiro volume da sua obra é Vasco Guedes, nomeado em 1454. Na idade media não

¹ Este catalogo foi publicado por Théodore Roest, em 1885, na *Revue belge de numismatique*, sob o titulo de «*Monnaies portugaises qui font partie du cabinet numismatique de l'Université de Leyde*».

havia entre nós a mais rudimentar escola artistica, onde aptidões se robustecessem: portanto o gravador estrangeiro viveria em Portugal. Não são conhecidos alvarás regios anteriores a 1454, que collocassem na milicia dos moedeiros os artifices bem conceituados na ourivezaria portuguesa.

Comprehende-se que para acudir a deficiencias de nossa casa chamassemos o auxilio de profissionaes vizinhos, ou de paes mais ou menos distantes, sem vexar interesses alheios; porem não se admite, fóra dos velhos annaes da criminalidade feudal, que um principe imitasse a nossa moeda só por que tinha melhor credito que a sua.

Em França transformaram a moeda portuguesa com intuitos aberrantemente criminosos. É uma prova de valor historico o seguinte caso.

Em 18 de abril de 1575 procedeu-se ao inventario do espolio que ficou por obito de Nicole Thomas, viuva de Gilles Foulon, cidadão de Paris, que fôra agiota, penhorista e... sapateiro! Entre os bens arrolados havia 1:112 moedas, na maxima parte estrangeiras e falsas, onde foi encontrado um portuguez de ouro. Serrure diz acêrca d'esta moeda o seguinte: «La portugaise était d'or très pur, elle était destinée à être imitée à des alois bien inférieurs et à être fondue»¹.

A moeda de ouro portuguesa circulou nas antigas provincias dos Países-Baixos em tal quantidade que para cada padrão ou typo havia pesos proprios, *deneraux*, autorizados officialmente. Este assunto foi tratado por M. Alphonse de Witte nesta revista, de pags. 273 a 279 do vol. III.

A moeda imitada em Batenburgo, com fama de portuguesa, não encontrou estorvos para ser bem recebida e cambiada. Falla bem alto a *Ordonnance* de Filipe IV de Hespanha com data de 28 (?) de agosto de 1633.

Lisboa, Abril de 1904.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Miscellanea archeologica

(Extracto do Archivo Nacional)

I. Despesas nas obras do convento de Chellas e compra de varios tecidos, no sec. XIII

«R[ecebeo] dos dinheyros que despendeu Steuajinha na obra do lagar do uiho en primeyramête .iiij. dias a ij mãcebos dos dos e meyo A cada

¹ *Bulletin de numismatique*, de Paris, 1898, pags. 104 a 107.